



Antonio Hohlfeldt

Teatro

a_hohlfeldt@yahoo.com.br

Dupla provocação

Dementes é o espetáculo trazido pelo grupo La Buena Moza, de Mendoza-ARG. Trata-se de uma murga, isto é, uma espécie de bloco carnavalesco, comum no Uruguai e na Argentina. A diferença é que esta murga está idealizada enquanto espetáculo teatral, com um enredo que é desenvolvido, ao longo de pouco mais de hora e meia, através de canções autorais variadas, algumas das quais parodiam melodias mais conhecidas do universo latino-americano, como aquela que alude a Che Guevara e que, portanto, faz o elogio da coragem e do heroísmo, mas que, no espetáculo, é transformada numa profunda reflexão a respeito das educações exclusivistas e elitistas, tanto quanto preconceituosas, que marginalizam segmentos populacionais os mais variados.

Dementes foi uma surpresa extraordinária e, ao lado da ópera *Turandot*, até aqui, se tornou a grande atração deste festival trazido pelo Teatro Simões Lopes Neto em sua inauguração. São 16 cantores, cada um com seu momento de solista, mas que compõem majoritariamente um conjunto coral extremamente afinado e eficiente, sob a direção de Daniel Bernal, que assina a direção musical e cênica do trabalho. Depois, temos ainda três percussionistas, que marcam fortemente o ritmo, não só das interpretações musicais, quanto do próprio espetáculo, além do que animado por um figurino absolutamente inusitado, multicolorido e alegre, com adereços variados, que se acrescentam às roupas, conforme o andamento do espetáculo, como aqueles “óculos” que indicam a dilatação das pupilas, depois de ingerirem certas pizzas trazidas por um provocante personagem. Tudo isso se completa com um projeto de iluminação e uma maquiagem (esta última assinada por Laura Mendoza e Lula Millán) que valorizam os intérpretes em cena.

Não se sabe o que mais admirar: a criatividade do espetáculo, a dinâmica constante e profundamente dedicada de todos os intérpretes, o que se traduz num esfuziante ritmo que explode com a abertura da cortina e não se extingue nem ao final, porque o grupo sai para a sala de espera do teatro e vai confraternizar com o público, absolutamente

entusiasmado e surpreendido com o que acabou de assistir.

Parece que o público de Porto Alegre infelizmente tem certo preconceito em relação ao que desconhece: prefere não arriscar e continuar ignorante. Quem deixou de assistir a *Dementes* perdeu a oportunidade de conhecer um trabalho cênico absolutamente único e diferenciado, por todos estes elementos acima destacados: criatividade, entusiasmo, ritmo, qualidade interpretativa e sobretudo musical.

Lembro-me, décadas atrás, quando o teatro de sombras de Praga chegou à cidade, creio que ainda no antigo teatro Leopoldina. Os primeiros dias foi de público escasso, mas logo o boca-a-boca se espalhou e o espetáculo se tornou um “it” daquela temporada. Infelizmente, este grupo não teve esta oportunidade, porque foram, apenas duas performances. Mas como tenho certeza de que quem assistiu saiu com vontade de ver mais, é de se torcer para que o conjunto, que produz um novo espetáculo a cada temporada, possa retornar com novos trabalhos.

Na mesma semana, ainda tivemos *Chula*, criação e interpretação da bailarina Emily Borghetti, com direção cênica de Silvia Canarim e direção musical de Guilherme Ceron.

O espetáculo é provocativo desde a proposta inicial: uma mulher dançando a chula, considerada uma “música masculina” no universo gauchesco. Pois Emily Borghetti dança, dança muito bem e ainda ironiza os que duvidam. A cenografia criada por adereços variados, mais a iluminação de Carol Zimmer, pontuando espaços e criando ambientes variados para a interpretação entre dramática e poética de Emily Borghetti, permitiu que assistíssemos a um espetáculo muito bonito, inteligente e lúdico, em que qualidade se aliou a sensibilidade, resultando numa encenação que deveria percorrer não só o Rio Grande do Sul, quanto viajar pelo Brasil, pois a mescla entre o tradicional e regional e o moderno e urbano, aliando os ritmos gauchescos com o flamenco, permitiu uma renovação inimaginável, dinâmica e contaminante, que entusiasmou a todo o público presente.



Hélio Nascimento

Cinema

hr.nascimento@yahoo.com.br

Minimalista e profundo

Um dos tantos diretores famosos no universo cinematográfico e praticamente desconhecidos em nosso mercado exibidor é o sul-coreano Hong Sang-soo. Ele nasceu em 1960 e começou a dirigir filmes em 1996. Ele filma muito - já realizou 40 filmes - e sua obra mais recente, *As aventuras de uma francesa na Coreia*, está atualmente em cartaz em Porto Alegre, o que não deixa de ser uma surpresa num mercado exibidor cada vez mais dominado por futilidades, salvo aqueles espaços voltados para obras que tem mantido vivo o cinema. Esta é a terceira vez que Sang-soo trabalha com a atriz francesa Isabelle Hupert. O cineasta, que também é músico, acumula também no filme as funções de fotógrafo e editor. Quando a ação termina, o espectador é surpreendido por créditos finais que destacam um reduzido número de nomes, o que de certa forma prova que os filmes do realizador, além de minimalistas, requerem um reduzido número de pessoas. Seus filmes, a se julgar pelo que está em exibição, são daqueles que procuram a essência do cinema. Tudo é realizado como se não existisse uma câmera filmando os acontecimentos. Dessa espécie de teatro do cotidiano, no qual a interpretação praticamente inexiste, segundo uma lição do George Cukor, que ensinava que tal recurso não é importante para o cinema, o realizador extrai informações fundamentais para que cada personagem revele sua verdadeira personalidade. É claro que ele deve muito a suas atrizes e seus atores que, abdicando de qualquer estrelismo, criam figuras vivas e no qual gestos, olhares, sem abandonar o recurso da palavra, exercem papel revelador. Alguns o aproximam de Eric Rohmer, mas o filme em exibição, que por sinal merecia um título mais apropriado no Brasil, radicaliza tal proposta, fazendo do espectador uma testemunha do que está acontecendo, como se a técnica de filmagem desaparecesse.

A protagonista do filme não vive qualquer aventura. Ela, na verdade, ao pôr em prática um método original de ensinar francês, procura demonstrar que, em qualquer aprendizado, um caminho precioso é aquele no qual se evita distanciar o aluno de seu passado e vivências. As duas aulas que o especta-

dor pode acompanhar revelam isso claramente. Na primeira, a figura paterna surge através de uma homenagem eternizada em um monumento. Mas, quando o plano filmado é outro, a aluna termina revelando uma falha que transforma o herói num simples mortal. A segunda aula, que começa quando a aluna erra na pronúncia do nome da protagonista - numa prova que levar qualquer nome para o inglês não é um defeito ou uma subserviência típica de muita gente por aqui - coloca em cena um casal interessado no método novo. São gestos simples e perguntas carregadas de alguma agressividade, que revelam certa crise. A personagem que esqueceu o francês anteriormente apreendido resume uma certa resistência. O cachorro que intimida a professora é outro dado a não passar despercebido. Quando a protagonista, como no episódio anterior, se afasta é como se uma mensageira, depois das revelações partisse carregando duas próprias carências, deixando completo mais um episódio de uma crise abafada por sorrisos e rituais ineficientes para um processo de cura.

A terceira parte desta trilogia sobre o cotidiano de seres humanos é a mais significativa de todo. Aqui, o controle materno, como em muitos filmes de Hitchcock, surge claramente naquele plano em que o rosto do filho não é mostrado e no qual a mãe contempla e vive sua vitória. A refeição é um regresso a um tempo ideal, aquele no qual a figura nutrie é também a rainha que merece reverências e elogios. É uma sequência primorosa, na qual o passado interfere no presente aumentando o sentimento de solidão da protagonista, praticamente expulsa do cenário onde era possível enfrentar o isolamento. As pedras voltam a dominar o cenário. Contudo, no encerramento do filme, a floresta volta a ser o caminho para o regresso a um mundo no qual reina a harmonia e vivem figuras livres de qualquer forma de tirania. Mas a obra não se conclui com um epílogo superficial. Segredos não são inteiramente revelados. Permanecem sugestões para o espectador tirar suas conclusões. E a música, presente nas três partes, é o símbolo de um sonho ainda não concretizado.